

IGREJA, ESTÁS CONVOCADA PARA A MISSÃO

Proposta de celebração para o Dia Provincial da Justiça e Paz

15 de Maio de 2008

Canto

Ritos iniciais

Introdução

A 15 de Maio de 1891, o Papa Leão XIII assinava a encíclica *Rerum Novarum*, que acabaria por tornar-se um marco importante e de referência no que diz respeito à presença da Igreja na sempre problemática teia dos problemas sociais, particularmente no que diz respeito à defesa dos direitos dos trabalhadores. Posteriormente, vários outros documentos dos Papas irão confirmar esta atenção da Igreja aos problemas sociais. Refira-se, entre outros, *Quadragesimo Anno* de Pio XI; a encíclica *Populorum Progressio*, de Paulo VI; a encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, de João Paulo II. É claro que constitui um desafio muito grande para toda a Igreja o ensino que nos é oferecido pelo Concílio Vaticano II, particularmente a *Gaudium et Spes*, e tantos outros documentos que têm sido apresentados pelos últimos Papas.

O Pe. Dehon, fundador da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, vive a realidade deste drama social na paróquia que lhe é confiada no início do seu ministério sacerdotal. Decide intervir, agir, “ir ao povo” para transformar a sociedade a partir do fermento do Evangelho. A encíclica de Leão XIII vem revitalizar a actividade do Pe. Dehon que “deixa a sacristia” para intervir na defesa de todos aqueles que sofriam as influências dum progresso social que beneficiava poucos e empobrecia muitos.

Passaram-se cento e dezassete anos desde a publicação da *Rerum Novarum*. Olhemos o mundo à luz do Evangelho, procurando descobrir os desafios que a sociedade de hoje lança à Igreja e a cada um de nós.

Momento penitencial

P - Ó Deus, Pai e Amigo de todos os homens, ensina-nos a conhecer o mundo e a amá-lo como Tu o amas.

Desde as origens pensaste no homem. Quiseste partilhar com ele tudo o que existe de maravilhoso e de belo na natureza: os animais, as árvores, as montanhas, os rios, a lua e o sol. Tudo é tão lindo! Aliás, Tu próprio, admiraste aquilo que havias criado. (cf. Gn 1,25)

Perdoa, Senhor! Nós somos responsáveis por este mundo não ter o brilho e o encanto da obra por Ti criada.

L1 - Perdão, Senhor, porque Tu criaste a vida, puseste tanto empenho na obra da criação do homem. Tanto assim que o criaste à tua imagem e semelhança. E, desde Caim e Abel, o homem inventou sistemas de morte: a tortura, o homicídio, o suicídio, o aborto, a eutanásia, a venda de órgãos humanos, a criação e posterior destruição de células excedentes, a manipulação da própria vida.

Refrão penitencial cantado

L2 - Perdão, Senhor, pelo caos de que somos responsáveis na obra criada; pelo abuso que fizemos das coisas; pela destruição generalizada e pelo desequilíbrio ecológico que estamos a provocar na natureza.

Refrão penitencial cantado

L1 - Perdão, Senhor, porque quiseste que todos os homens se tornassem participantes e colaboradores na obra da criação. O trabalho não era castigo mas alegria criadora. E alguns homens tornaram-se senhores de outros homens. Oprimiram-nos e escravizaram-nos. Obrigaram-nos a trabalhar sem lhes oferecer condições dignas de trabalho; sem lhes pagarem um salário justo e sem lhes oferecer estabilidade e segurança no mesmo trabalho. E quantos nem sequer têm direito a um trabalho que lhes proporcione o pão para o sustento pessoal e o da sua família!

Refrão penitencial cantado

L2 - Perdão, Senhor, porque ofereceste a obra criada a todos. E alguns, tão poucos, tornaram-se os donos da terra em prejuízo duma grande maioria, expropriada, banida e roubada. A fome de pão, de cultura, de médico e de remédios, de casa, de água, de roupa e dum pedaço de terra é uma realidade por demais evidente. E são tantos os que não encontram outras alternativas senão vender-se ou vender o outro, roubar e matar, para sobreviver!

Refrão penitencial cantado

L1 - Perdão, Senhor, porque lançaste no coração do homem a semente do amor. Criaste-o homem e mulher e quiseste que ele vivesse numa família. E o homem deturpou o sentido do amor, consagrando, idolatrando e promovendo o erotismo nas revistas, nos romances, na canção, nos filmes e no teatro. Tu os amas, Senhor. Mas, será que eles Te amam, quando se recusam a acolher o teu amor?

Refrão penitencial cantado

P - Oremos. Deus Criador, Pai e Amigo, nós Te louvamos por tudo aquilo que criaste para oferecer aos teus filhos. Louvamos-Te, igualmente, por nos acompanhares ao longo da estrada da vida que nos convidas a percorrer e por estares sempre connosco na história da humanidade. Desperta no coração de cada homem a alegria de se saber querido e amado por Ti e que todos os homens participem na construção dum mundo novo, onde todos se sintam verdadeiramente irmãos. Isto Te pedimos, ó Pai, por intercessão do teu Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assembleia – Ámen.

I

UM MUNDO TÃO RICO COM TANTA POBREZA

Introdução - A história da humanidade sempre conheceu tempos de grande riqueza e opulência, bem como situações de escandalosa pobreza; ao longo da história desta mesma humanidade, sempre houve ricos que esbanjaram fortunas à custa dos pobres; sempre houve também quem usufruísse duma mesa farta em prejuízo dum número exorbitante de pessoas que foram privadas de bens essenciais para a sua sobrevivência. Ouçamos a palavra da Igreja que nos é referida pela Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

L - Nunca o género humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio económico; e, no entanto, imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria, e inúmeros são ainda os analfabetos. Nunca os homens tiveram um tão vivo sentido da liberdade como hoje, em que surgem novas formas de servidão social e psicológica. Ao mesmo tempo que o mundo experimenta intensamente a própria unidade e a interdependência mútua dos seus membros na solidariedade necessária, ei-lo gravemente dilacerado por forças antagónicas; persistem ainda, com efeito, agudos conflitos políticos, sociais, económicos, «raciais» e ideológicos, nem está eliminado o perigo de uma guerra que tudo subverta. Aumenta o intercâmbio das ideias; mas as próprias palavras com que se exprimem conceitos da maior importância assumem sentidos muito diferentes segundo as diversas ideologias. Finalmente, procura-se com todo o empenho uma ordem temporal mais perfeita, mas sem que a acompanhe um progresso espiritual proporcionado. (GS 4)

Palavra da Igreja!

Assembleia - Graças a Deus!

Canto

N - O Pe. Dehon não vive indiferente a estes dramas que tanto ferem de morte o coração do homem e a própria sociedade. Várias vezes, nas suas muitas obras, ele coloca o dedo na ferida e transcreve, em páginas dramáticas a situação social. Eis, apenas a título de exemplo, um extracto do seu Manual Social.

L - “Nas estatísticas, os suicídios, as crianças mortas de aborto, os pobres e os velhos mortos de miséria ou de má alimentação, acontece que a miséria física e moral rouba à França 100.000 dos seus filhos todos os anos. O programa de Assistência pública em Paris deve satisfazer as necessidades de 44.000 pessoas assistidas; 367.000 pobres são socorridos ao domicílio; 154.000 são mantidos nos hospitais e hospícios. A proporção é a mesma nas grandes cidades. A miséria não é menor nas aldeias. Um grande número de filhos de operários morre no primeiro dia após o nascimento. As mães são obrigadas, pela necessidade, a permanecer na fábrica até aos seus partos e a retomar o trabalho poucos dias depois. Sem dúvida, «haverá sempre pobres»; a previdência organizada e a caridade espontânea existem para adoçar a situação das pessoas incapazes de trabalhar; mas, no seio duma civilização brilhante, a existência de classes inteiras, a quem falta habitualmente os meios suficientes para a subsistência, é um estado contra natura, engendrado pela economia liberal e pelos princípios sociais da Revolução. Um dos fins da sociedade é precisamente ajudar os membros da família humana através duma boa organização social, a libertar-se da opressão da miséria. A terra é suficientemente rica para alimentar-nos a todos e mesmo para fazer-nos viver num modesto bem-estar. Não existe um homem de bom senso que possa acreditar que a miséria de um grande número seja uma lei natural.” (Pe. Leão Dehon, *Oeuvres Sociales*, 2º Vol. 1894-1897, p. 36-37)

N - Estes e outros dramas ensopam de sangue inocente a humanidade. Apresentam-se apenas algumas notícias que revelam bem o quanto o homem tem necessidade de voltar-se definitivamente para Deus para, em Deus, descobrir a urgência da fraternidade e da solidariedade universal.

L - “A Comissão dos Episcopados Católicos da União Europeia interpelou a presidência eslovena da União em relação à situação dos refugiados no Iraque. O presidente deste organismo, D. Adrianus Van Luyn, espera que o tema seja incluído na agenda do próximo encontro do Conselho Europeu de Justiça e Assuntos Internos da União Europeia. Numa carta enviada a Dragtin Mate, ministro esloveno da administração interna, a Comissão dos Episcopados Católicos da União Europeia manifesta a sua preocupação com o destino de 4,4 milhões de Iraquianos que abandonaram o seu país. Segundo o Alto Comissariado da ONU para os refugiados, estamos na presença da maior catástrofe humana no Médio Oriente desde 1948.” (Agência Ecclesia, 10.01.2008, nº 1130, p. 12)

Refrão cantado

L - “O dia 13 de Março (de 2008) trouxe consigo a confirmação das piores suspeitas que se levantavam desde que, quase duas semanas antes, tinha sido raptado em Mossul (Norte do Iraque) o Arcebispo caldeu Paulos Faraj Rahho: o seu corpo, sem vida, foi encontrado enterrado num terreno baldio dos arredores dessa cidade. Ao receber a notícia, o Papa mostrou-se «profundamente comovido e entristecido».” (Agência Ecclesia, 18.03.2008, nº 1139, p. 11)

Refrão cantado

L - “O tráfico de seres humanos é um dos fenómenos mais vergonhosos do nosso tempo, denunciou em Viena o Arcebispo Agostino Marchetto, secretário do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes. Já a Confederação Internacional da Cáritas deixou um alerta contra os efeitos da pobreza extrema, que classificou como «o principal motor do tráfico de pessoas».” (Agência Ecclesia, 19.02.2008, nº 1135, p. 11)

Refrão cantado

N - Deus, esse mesmo Deus que é Pai, não pactua com estas situações, ou outras que lhes sejam semelhantes. Eis, concretamente, o que diz o profeta.

L - Leitura do Profeta Isaías

Ouvi a palavra do Senhor, ó príncipes de Sodoma; escutai a lição do nosso Deus, povo de Gomorra: «De que me serve a mim a multidão das vossas vítimas? – diz o Senhor. Estou farto de holocaustos de carneiros, de gordura de bezeros. Não me agrada o sangue de vitelos, de cordeiros nem de bodes. Quando me viestes prestar culto, quem reclamou de vós semelhantes dons, ao pisardes o meu santuário? Não me ofereçais mais dons inúteis: o incenso é-me abominável; as celebrações lunares, os sábados, as reuniões de culto, as festas e as solenidades são-me insuportáveis. Abomino as vossas celebrações lunares, e as vossas festas; estou cansado delas, não as suporto mais. Quando levantais as vossas mãos, afasto de vós os meus olhos; podeis multiplicar as vossas preces, que Eu não as atendo. É que as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai da frente dos meus olhos a malícia das vossas acções. Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem; procurai o que é justo, socorrei os oprimidos, fazei justiça aos órfãos, defendei as viúvas.» (Is 1,10-17)

Palavra do Senhor!

Assembleia - Graças a Deus!

Homilia

Canto

N - Deus não deixou de intervir na história; Ele não Se demitiu de ser, hoje e sempre, um Pai para cada homem e cada mulher da história. Ele continua a dizer-nos, através de tantos outros profetas dos nossos dias, que não pactua com a injustiça e que não é padraço de ninguém. Ele quer de nós uma só família e, na construção dessa família, Ele quer contar com a colaboração de todos. Ouçamos alguns daqueles homens que Deus continua a chamar para “gritar” contra as situações de injustiça, de opressão e de violência.

L - Leitura da Encíclica *Quadragesimo Anno*, do Papa Pio XI

“É muito de lamentar que tenha havido no passado e haja ainda quem, dizendo-se católico, não se lembre da lei sublime da justiça e da caridade, que nos obriga a dar não só a cada um o que lhe pertence, mas também a socorrer os pobres, nossos irmãos, como ao próprio Jesus Cristo; quem não tema oprimir os operários por cobiça de sórdido lucro; e, o que é mais grave, quem abuse da mesma religião para justificar as suas extorsões e defender-se contra as justíssimas reclamações dos operários. Por nossa parte, não deixaremos nunca de censurar severamente tal proceder. São eles os culpados da Igreja se ver injustamente mas com certa aparência de verdade) acusada de patrocinar a causa dos ricos, de não se compadecer das necessidades e angústias dos pobres, defraudados da sua parte de bem-estar nesta vida. Aparências infundadas e acusações caluniosas, como demonstra a história da Igreja. Bastava a Encíclica cujo quadragésimo aniversário celebramos para provar com toda a evidência que só com a maior das injustiças se podem assacar à Igreja tais calúnias e contumélias.” (Pio XI, *Quadragesimo Anno*, 125)

Assembleia - Senhor, aceitamos a alegria da pertença à tua Igreja. Queremos, também nós, ser testemunhas da justiça e da caridade que deve animar as nossas comunidades cristãs e a sociedade.

L - Leitura da Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, de João Paulo II

“Desejo chamar a atenção para alguns *índices genéricos*, sem excluir outros específicos. Não querendo entrar na análise numérica ou estatística, bastará olhar para a realidade de uma *multidão inumerável* de homens e de mulheres, crianças, adultos e anciãos, isto é, de pessoas humanas concretas e irrepetíveis, que sofrem sob o peso intolerável da miséria. O número daqueles que não têm esperança, pelo facto de que, em muitas regiões da terra, a sua situação se agravou sensivelmente, são milhões e milhões. Perante estes dramas de total indigência e necessidade, em que vivem tantos dos *nossos irmãos e irmãs*, é o próprio Senhor Jesus que vem interpelar-nos.” (João Paulo II, *Sollicitudo Rei Socialis*, 13)

Assembleia - Senhor, aceitamos abrir os olhos e contemplar essa multidão imensa de gente com fome de justiça, de paz, de respeito, de compreensão e de amor. Mas, se os vemos, queremos também colaborar contigo na construção dum mundo mais humano, mais justo e mais fraterno.

L - Leitura das Obras Sociais do Pe. Dehon

Eis, portanto! Que coisa horrível é o egoísmo! Humildes trabalhadores do povo de França, quando nós reclamamos, nós sacerdotes e católicos, a liberdade religiosa, pensais talvez que procuramos a satisfação de um interesse de seita ou de amor-próprio ou mesmo alguma regalia social? Oh, não! O que queremos obter com estas reivindicações, para vós e para nós, é a liberdade de seguir em frente no nosso caminho ao serviço de Deus e do amor a Cristo Redentor, sem obstáculos de tirania nenhuma. E nós não ficamos por aí! Nós somos os filhos de Cristo, os filhos

d'Aquele que vos ama totalmente e que não veio apenas para garantir para vós as alegrias da outra vida, mas também para vos proporcionar, tanto quanto possível, uma certa importância para a ajuda da vida presente. Nós somos os filhos d'Aquele que distribuía o pão das almas, mas também o pão material na Montanha das Bem-aventuranças; que dava o pão da Eucaristia aos seus Apóstolos, mas também que, por uma condescendência adorável, lhes assava o peixe à beira do Lago de Tiberíades. Com a mesma paixão, pedimos para vós a LIBERDADE RELIGIOSA E A LIBERALIZAÇÃO ECONÓMICA.” (Pe. Dehon, *La Chronique du Sud-Est*, nº 1, Janeiro de 1897, p. 2, in *Oeuvres Sociales*, Les Articles 1889-1922, p. 320)

Assembleia - Senhor, queremos sentir-nos peregrinos a caminho da Casa do Pai. Mas, que isso não signifique falta de compromisso para nos envolvermos, como cristãos, na procura dum mundo melhor.

Canto

Despedida, bênção, canto final

II

A IGREJA DE JESUS NA CIDADE

Canto

Ritos iniciais

Introdução

Não pretendemos uma Igreja de sacristia mas uma Igreja que sai à rua, que frequenta as casas, que conhece as pessoas e as ama. Como Jesus o fazia. Como o Pe. Dehon o queria. Queremos uma Igreja que seja, toda ela, Povo de Deus: Onde está o homem, aí está a Igreja; onde está a Igreja, aí está o homem.

P- Senhor, queremos fazer nossa a história de todo este povo que chamaste à vida e que continuas a amar como Pai. Torna-nos atentos às realidades concretas do homem do nosso tempo para, nós com eles, e eles conosco, caminharmos, como irmãos, ao teu encontro. Isto Te pedimos, ó Pai, por intercessão de Jesus Cristo, teu Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assembleia – Ámen.

N - É caso para perguntarmos: Onde estás, Igreja?

P - Ao longo da História, Deus sempre chamou homens e mulheres para irem ao povo. Poderá acontecer, tantas e tantas vezes, que as celebrações do culto pouco ou nada tenham a ver com a missão a que somos enviados. É que a celebração terá que ser uma consequência do anúncio mas, sem anúncio, a celebração esvazia-se de significado.

E, quantas celebrações são tão vazias de Deus e de alma! São ritos que ignoram o amor do Deus a quem se reza e a ausência do amor aos irmãos com quem se vive.

Jesus, o verdadeiro e único sacerdote, não exerceu o ministério sacerdotal no templo. Ele foi sacerdote no templo e na sinagoga mas, sobretudo, nas praças públicas, nas ruas, nas casas das famílias, à beira mar, pelos campos adiante.

Na Pessoa de Jesus Cristo, Deus desce à rua. Diz-nos S. Lucas que “Jesus percorria cidades e aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém. Disse-lhe alguém: «Senhor, são poucos os que se salvam?» Ele respondeu-lhes: «Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque Eu vos digo que muitos tentarão entrar sem o conseguir.»” (Lc 13,22-24)

N - E que pede Jesus à sua Igreja?

P - A Igreja existe para servir. Foi assim que viveu o seu Mestre; é assim que ela é convidada a viver. Deve estar sempre presente na vida e dinamismo da Igreja o acontecimento fundamental da Ceia Pascal, de acordo com o relato de João: “Depois de lhes lavar os pés, de retomar as suas vestes e de Se pôr de novo à mesa, disse-lhes: «Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me Mestre e Senhor, e dizeis bem, visto que o sou. Ora, se Eu vos lavei os pés, sendo Senhor e Mestre, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo: Não é o servo maior que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Uma vez que sabeis estas coisas, felizes sereis se as puserdes em prática.»” (Jo 13,12-17)

N - Como viveu a primitiva comunidade cristã, aquela que “frequentou a escola” do Mestre?

L - Leitura do Actos dos Apóstolos

“A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum. Com grande poder, os Apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e uma grande graça operava em todos eles. Entre eles não havia ninguém necessitado, pois todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas, traziam o produto da venda e depositavam-no aos pés dos Apóstolos. Distribuía-se, então, a cada um conforme a necessidade que tivesse. Assim, um levita cipriota, de nome José, a quem os Apóstolos chamaram Barnabé, isto é, «filho da consolação», possuía uma terra; vendeu-a e trouxe a importância, que depositou aos pés dos Apóstolos.” (Act 4,32-37)

“Ergueu-se, então, um homem no Sinédrio, um fariseu chamado Gamaliel, doutor da Lei, respeitado por todo o povo. Mandou sair os acusados por alguns momentos e, tomando a palavra, disse: «Homens de Israel, tende cuidado com o que ides fazer a esses homens! Nos últimos tempos, apareceu Teudas, que se dizia alguém e ao qual seguiram cerca de quatrocentos homens. Ele foi liquidado e todos os seus partidários foram destroçados e reduzidos a nada. Depois dele, apareceu também Judas, o galileu, nos dias do recenseamento, e arrastou o povo atrás dele. Morreu, igualmente, e todos os seus adeptos foram dispersos. E, agora, digo-vos: não vos metais com esses homens, deixai-os. Se o seu empreendimento é dos homens, esta obra acabará por si própria; mas, se vem de Deus, não conseguireis destruí-los, sem correrdes o risco de entrardes em guerra contra Deus.» Concordaram, então, com as suas palavras. Trouxeram novamente os Apóstolos e, depois de os mandarem açoitarem, proibiram-lhes de falar no nome de Jesus e libertaram-nos. Quanto a eles, saíram da sala do Sinédrio cheios de alegria, por terem sido considerados dignos de sofrer vexames por causa do Nome de Jesus. E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Boa-Nova de Jesus, o Messias”. (Act 5,34-42)

Palavra do Senhor!

Assembleia - Graças a Deus!

Homilia

N - A cada um de nós, membros desta Igreja de Jesus Cristo são lançados dois desafios. Por um lado, que fazemos dos bens que Deus nos confiou? Não será que Deus nos enriqueceu com a abundância dos seus dons e nós os guardamos de maneira egoísta? Por outro lado, somos convidados a levantar a voz e a inquietar o coração daqueles que amealham em prejuízo do pobre.

Deixemo-nos interpelar pelos desafios que nos são lançados por Jesus, reflectindo a partir do texto de Lucas.

P - “Ai de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as plantas e descurais a justiça e o amor de Deus! Estas eram as coisas que devíeis praticar, sem omitir aquelas.” (Lc 11,42)

L1 - Quanta falsidade no coração do homem! Deixa transparecer a ideia de rigoroso no cumprimento das leis mas, na realidade, é injusto, explorador, violento, espezinha todo o irmão que se lhe atravessa pela frente. O que o Senhor espera de cada um de nós é a justiça, a misericórdia, a solidariedade e o amor.

L2 - A proposta que nós temos do Senhor é esta: “Depois de lhes ter lavado os pés e de ter posto o manto, voltou a sentar-se à mesa e disse-lhes: «Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me o

Mestre e o Senhor, e dizeis bem, porque o sou. Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também. Em verdade, em verdade vos digo, não é o servo mais do que o seu Senhor, nem o enviado mais do que aquele que o envia. Uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática.” (Jo 13,12-17)

Refrão cantado

P - “Ai de vós, fariseus, porque gostais do primeiro lugar nas sinagogas e de ser cumprimentados nas praças! (Lc 11,43)

L1 - Quantos a lutar pelo primeiro lugar, o lugar da honra, da glória, da fama, do sucesso... Tantas vezes sem olhar a meios! Quantos a se guerrearem pelo primeiro lugar na política, no sindicalismo, no mundo do trabalho, no desporto, no grupo de amigos, na família, nos grupos eclesiais!

L2 - O que o Senhor nos ensina é: “Sabeis como aqueles que são considerados governantes das nações fazem sentir a sua autoridade sobre elas, e como os grandes exercem o seu poder. Não deve ser assim entre vós. Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o servo de todos. Pois também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos.” (Mc 10,42-45)

Refrão cantado

P - “Ai de vós, porque sois como os túmulos, que não se vêem e sobre os quais as pessoas passam sem se aperceberem!” (Lc 11,44)

L1 - Quanta imagem deturpada na vida social, política, sindical, eclesial! Parece que se consagrou o estatuto que o importante não é ser mas mostrar ser. E tudo serve para salvaguardar a minha imagem ou conseguir privilégios: falsear documentos, comprar influências, fazer promessas eleitorais com a única finalidade de angariar votos, fazer propaganda voluntariamente enganosa, apresentar notícias deturpadas... Quanta mentira e falsidade com um rosto de verdade!

L2 - E, no entanto, para Jesus, a aposta da vida só pode ser uma aposta de verdade. Assim define Ele a razão de ser da sua missão, diante de Pilatos: “A minha realeza não é deste mundo; se a minha realeza fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que Eu não fosse entregue às autoridades judaicas; portanto, o meu reino não é de cá.» Disse-lhe Pilatos: «Logo, Tu és rei!» Respondeu-lhe Jesus: «É como dizes: Eu sou rei! Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz.» Pilatos replicou-lhe: «Que é a verdade?» Dito isto, foi ter de novo com os judeus e disse-lhes: «Não vejo nele nenhum crime. Mas é costume eu libertar-vos um preso na Páscoa. Quereis que vos solte o rei dos judeus?» Eles puseram-se de novo a gritar, dizendo: «Esse não, mas sim Barrabás!» Ora Barrabás era um salteador. (Jo 18,36-39)

Refrão cantado

P - “Ai de vós, também, doutores da Lei, porque carregais os homens com fardos insuportáveis e nem sequer com um dedo tocais nesses fardos!” (Lc 11,46)

L1 - Quanta lei injusta por esse mundo fora, na defesa de interesses pessoais e economicistas, ignorando a dignidade da pessoa! Quanta ideologia partidária, enganosa e opressora, transformada em lei desumana! Quantos há, que assaltam o poder a qualquer preço, mesmo que sufragado com o

voto considerado livre e democrático, impondo leis aos outros que eles próprios não cumprem!

L2 - O desafio que Jesus lança a todos nós, particularmente àqueles que se aproveitam da autoridade e do poder para impor regras que ferem de morte os mais elementares direitos da pessoa, vem referido no encontro entre Jesus e o escriba: “Aproximou-se de Jesus um escriba que lhe perguntou: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?» Jesus respondeu: «O primeiro é: Escuta, Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor; amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que estes.» O escriba disse-lhe: «Muito bem, Mestre, com razão disseste que Ele é o único e não existe outro além dele; e amá-lo com todo o coração, com todo o entendimento, com todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo vale mais do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios.» Vendo que ele respondera com sabedoria, Jesus disse: «Não estás longe do Reino de Deus.» E ninguém mais ousava interrogá-lo.” (cf. Mc 12,28-34)

Refrão cantado

Pai Nosso

P - Oremos. Ensina-nos, Pai, nos caminhos que percorremos a saber estar no lugar certo, no momento certo. Que nenhum de nós feche os olhos à realidade e, sobretudo, que nenhum de nós feche o coração à vida de cada um daqueles que fazem parte da nossa história, os que estão perto e os que estão longe. Que o teu amor contagie a nossa vida para, com esse mesmo amor, irmos ao encontro dos outros. Isto Te pedimos, Pai, por intercessão do teu Filho, na unidade do Espírito santo.

Assembleia – *Ámen.*

Despedida, bênção e canto final

III

A IGREJA E A SOLICITUDE PELOS POBRES

Canto

Ritos iniciais

Introdução

A presença da Igreja na sociedade não pode ser apenas a de mero agente passivo ou espectador. Aliás, nunca o foi. A Igreja constrói a sua história percorrendo os mesmos caminhos dos homens. Ela preocupa-se, com o homem, o homem todo; com a sua dimensão espiritual mas também com a sua dimensão material. Ela quer estar presente em todos os espaços onde está presente o homem, partilhando com ele as alegrias e as tristezas, os sucessos e os fracassos da caminhada. Leão XIII, recorda-o com frontalidade na encíclica *Rerum Novarum*: “Nem se pense que a Igreja se deixa absorver de tal modo pelo cuidado das almas que põe de parte o que se relaciona com a vida terrena e mortal. Pelo que em particular diz respeito à classe dos trabalhadores, ela quer e luta para os arrancar à miséria e procurar-lhes uma sorte melhor” (Leão XIII, *Rerum Novarum*, 15).

P - Oremos. Deus, Pai solícito e carinhoso para com todos os teus filhos, nós te pedimos: Ensina-nos a viver a mesma encarnação do teu Filho Jesus. Ele veio construir a sua casa entre nós; queremos estar atentos às necessidades dos nossos irmãos e ter a coragem de construir, também nós, a nossa casa no meio deles. Isto Te pedimos, ó Pai, por Nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que contigo vive e reina na unidade do Espírito Santo.

Assembleia – Ámen.

N - A Igreja, na fidelidade ao seu Senhor, também se houve falhas ao longo da história, mas sempre se propôs ir ao encontro daqueles que Deus lhe confiou. Ela nem sempre foi fiel às exigências da missão mas o Espírito continuou sempre a convocar para sair à rua e “proclamar a Boa-Nova aos pobres, a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.” (cf. Lc 4,18-19)

Escutemos esta preocupação da Igreja, tal como nos é referido por Leão XIII.

L - Da encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII

“A Igreja provê directamente à felicidade das classes deserdadas, ao fundar e manter instituições que julga próprias para aliviar a sua miséria; e neste género de benefícios ela tem sobressaído de tal modo que os seus próprios inimigos fazem o seu elogio. Assim, entre os primeiros cristãos era tal a virtude da caridade mútua, que não raro se viam os mais ricos despojarem-se do seu património em favor dos pobres. Por isso «a indigência não era conhecida entre eles». Os Apóstolos confiaram aos Diáconos - ordem especialmente instituída para esse fim - a distribuição quotidiana das esmolas, e o próprio S. Paulo, apesar de absorvido por uma solicitude que abraçava todas as Igrejas, não hesitava em empreender penosas viagens para ir em pessoa levar auxílio aos cristãos mais indigentes». (*Rerum Novarum*, 16)

Palavra do Papa!

Assembleia - Graças a Deus!

Canto

N - Face aos problemas que tanto inquietam os homens de hoje, não é possível cruzar os braços. A resposta não pertence apenas aos outros. A Igreja tem uma resposta a dar. E nós, Sacerdotes do Coração de Jesus, também não podemos ficar indiferentes, se quisermos ser fiéis ao nosso Fundador. Escutemo-lo.

L - Leitura dos escritos do Pe. Dehon

“As associações procurarão a salvação do povo. Com Leão XIII, elas proclamarão mais alto estas vantagens que nós enumeramos: «uma ajuda para os proletários, uma salvaguarda para as suas famílias, a conservação da religião e dos costumes». Quando uma instituição é apresentada nestas condições pelo Papa, que tem a suprema direcção da Igreja e das almas, há muitas pessoas que estão obrigadas a implementá-las. Antes de mais, estão os pastores das paróquias, porque eles não podem desprezar um meio para destruir a acção das seitas, de salvar as almas e ajudar aqueles que sofrem, sem comprometer gravemente a sua consciência. Existem os patrões e os cristãos notáveis, que têm um dever de paternidade análoga ao cuidado das almas que incumbe aos pastores. Existe mesmo trabalhadores cristãos que não têm o direito de negligenciar a sua própria salvação e o bem dos seus filhos.” Recorrendo à encíclica *Rerum Novarum*, o Pe. Dehon recorda que o Papa, “desde o princípio, expõe o perigo social, e declara que *é necessário, através de medidas prontas e eficazes, ir em auxílio das classes inferiores*, que estão, na sua maioria, numa situação de infortúnio e miséria imerecidos. Para remediar o mal, é necessário procurar as causas, e *a principal*, com o ateísmo das leis e instituições públicas, é *«a destruição das corporações antigas do século XVIII*, após a qual os trabalhadores isolados e sem defesa se viram pouco a pouco entregues à mercê dos patrões por vezes desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada»” (cf. Pe. Dehon, *Oeuvres Sociales, Les articles 1189-1922*, p. 240)

Refrão cantado

N - Mas, para não nos ficarmos em teorias, vamos à rua. Entremos nos hospitais, onde doentes sofrem sem esperança. Vamos aos asilos e lares de terceira idade, onde se encontram os nossos idosos sem uma palavra de carinho. Vamos aos infantários, às escolas e universidades, onde se encontram os filhos do nosso povo, crianças, adolescentes e jovens, privados da alegria do encontro com Deus. Que fazer? Eis a proposta do Pe. Dehon.

L - “É necessário estabelecer o reino de Jesus Cristo, abalado há vários séculos pelos legistas, a renascença, o protestantismo, o racionalismo, a revolução e o liberalismo. «É necessário que Cristo reine», é o grito de todos os católicos, é a finalidade de um conjunto de obras, é a conclusão dos luminosos ensinamentos da Santa Sé. É necessário que Jesus reine nas sociedades, nas famílias, nas leis, no ensino, nos costumes. É a condição da prosperidade e da paz, é a manifestação da verdade, é o direito de Deus” (Pe. Dehon, *Oeuvres Sociales, Les articles 1189-1922*, p. 3).

Refrão cantado

N - Continuemos a olhar para a sociedade da qual fazemos parte. Auscultemos os meios de comunicação social; vejamos as estruturas partidárias e sindicais; percorramos os diversos ministérios e secretarias do Governo ou outras instâncias de poder local ou nacional, independentemente da sua cor política. Na sua maioria, não encontraremos Deus por essas paragens. Deus não existe. E não é por causa do ateísmo confesso mas porque Deus incomoda, morde as consciências, desinstala os poderes instalados, mesmo que democráticos, mas que procuram o seu próprio interesse em lugar do bem comum, semeando pobreza, desemprego, fome,

salários indignos, reformas de miséria, alcoolismo, droga, degradação moral.
Que fazer? Eis o que nos propõe o Pe. Dehon

L - “É necessário que o culto ao Sagrado Coração de Jesus, começado na vida mística das almas, desça e penetre na vida social dos povos. Ele trará o remédio soberano para as doenças cruéis do nosso mundo moral. Quais são, portanto, as causas dos nossos sofrimentos tão vivo na nossa vida, tanto social como privada? Nos espíritos, são a apostasia duns e o laxismo de outros, - nas vontades, é a timidez, o laxismo e a desesperança - nos corações, é o ódio ou a indiferença em lugar do amor.

Um mal grave e tão espalhado nos espíritos, dizemos nós, é a apostasia da fé. É tão deslumbrante. Para as sociedades é um mal completamente novo mas já vasto e profundo. O Estado sem Deus, o Estado ateu, o estado laico, eis a invenção do nosso tempo. É certamente uma heresia; este erro será, um dia, censurado como tal pela Igreja..

Quantas apostasias ousadas, que se manifestam com o brilho da imprensa ou na tribuna, e que se afirmam até às portas da morte! E, se estivermos atentos às conversas da rua, do emprego, dos lugares de encontro ou mesmo na família não acabaremos por ficar admirados? E não temos o direito de gritar: Que século foi tão fecundo em apostasias?

Para compreender a amargura que deve causar a Nosso Senhor esta atitude daqueles que se tornaram seus amigos no Baptismo, seria necessário possuir a delicadeza de Nosso Senhor. Como reanimar tantos corações insensíveis? Serão suficientes os meios normais? É evidente que não. É necessário uma graça mais abundante para reparar este abuso de graças, um chamamento mais comovente para enternecer estes corações de pedra. Só o Coração de Jesus pode devolver à terra a caridade perdida. Só Ele voltará a ganhar o coração das massas, o coração dos trabalhadores, o coração dos jovens e esta nova conquista dos corações começou de maneira clara no reino do Coração de Jesus” (cf. Pe. Dehon, *Oeuvres Sociales, Les articles* 1189-1922, p. 3 e 4).

N - Vamos escutar o convite que nos é dirigido por Jesus num mundo sem pão: sem o pão da justiça; sem o pão da cultura; sem o pão da fé, da esperança e do amor; sem o Pão de Deus.

Canto: Aleluia

P - Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo S. Mateus

“Tendo ouvido isto, Jesus retirou-se dali sozinho num barco, para um lugar deserto; mas o povo, quando soube, seguiu-O a pé, desde as cidades. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e, cheio de misericórdia para com ela, curou os seus enfermos. Ao entardecer, os discípulos aproximaram-se dele e disseram-lhe: «Este sítio é deserto e a hora já vai avançada. Manda embora a multidão, para que possa ir às aldeias comprar alimento.» Mas Jesus disse-lhes: «Não é preciso que eles vão; dai-lhes vós mesmos de comer.» Responderam: «Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.» «Trazei-mos cá» - disse Ele. E, depois de ordenar à multidão que se sentasse na relva, tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção; partiu, depois, os pães e deu-os aos discípulos, e estes distribuíram-nos pela multidão. Todos comeram e ficaram saciados; e, com o que sobejou, encheram doze cestos. Ora, os que comeram eram uns cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças. (Mt 14,13-21)

Palavra da Salvação!

Assembleia - Glória a Vós, Senhor!

Homilia

Preces: Desafios do homem, compromissos da Igreja

P - Façamos a nossa Oração Universal. Guiados pelo Papa Leão XIII, desafiados pelo testemunho

de vida do Pe. Dehon, apresentemos ao Senhor as nossas intenções, dizendo:

Senhor, ensina-nos a amar-Te e a servir os irmãos.

L1 - “Quanto à Igreja, que a sua acção jamais falte por qualquer modo e em qualquer tempo, e será tanto mais fecunda quanto mais livremente se possa desenvolver. Nós desejamos que compreendam isto sobretudo aqueles cuja missão é velar pelo bem público.” (Leão XIII, *Rerum Novarum*, 41)

L2 - Nós Te pedimos, Senhor, por todos aqueles que estão ao serviço do Povo de Deus. Que eles continuem a missão de tornar-Te presente na vida de cada homem para que, no encontro contigo, e, na escola do teu Filho, partilhem com abundância o pão da justiça e do amor.

Senhor, ensina-nos a amar-Te e a servir os irmãos.

L1 - “Façam os governantes uso da autoridade protectora das leis e das instituições; lembrem-se os ricos e os patrões dos seus deveres; tratem os operários, cuja sorte está em jogo, dos seus interesses pelas vias legítimas.” (Leão XIII, *Rerum Novarum*, 41)

L2 - Senhor, apresentamos-te todos aqueles que exercem cargos de governo ou quaisquer cargos públicos na nossa sociedade. Dá-lhes um coração grande e generoso para que governem o teu povo com respeito, justiça e liberdade.

Senhor, ensina-nos a amar-Te e a servir os irmãos.

L1 - “Guie-se o operário ao culto de Deus, incite-se nele o espírito de piedade, nomeadamente a observância dos domingos e dias festivos. Aprenda ele a amar e a respeitar a Igreja, mãe comum de todos os cristãos, a aquiescer aos seus preceitos, a frequentar os seus sacramentos, que são fontes divinas onde a alma se purifica das suas manchas e bebe a santidade.” (Leão XIII, *Rerum Novarum*, 39)

L2 - Senhor, queremos recordar nesta celebração todos os baptizados que têm manifestado menos empenho na celebração do culto divino e da prática dos sacramentos. Fá-los descobrir a beleza do encontro em comunidade para celebrar e testemunhar a fé.

Senhor, ensina-nos a amar-Te e a servir os irmãos.

L1 - “É necessário ainda prover de modo especial a que em nenhum tempo falte trabalho ao operário; e que haja um fundo de reserva destinado a fazer face, não somente aos acidentes súbitos e fortuitos do trabalho industrial, mas ainda à doença, à velhice e aos reveses da fortuna.” (Leão XIII, *Rerum Novarum*, 40)

L2 - Senhor, preocupa-nos a situação de tantos nossos irmãos que não encontram trabalho para ganharem o seu sustento e o da sua família com as suas próprias mãos. Dá, Senhor, a cada homem e mulher a capacidade e os meios de colocarem os seus talentos ao serviço dos irmãos.

Senhor, ensina-nos a amar-Te e a servir os irmãos.

L1 - “Não se apele aqui para a providência do Estado. O homem é anterior ao Estado. Antes que este pudesse formar-se já o homem tinha recebido da natureza o direito de viver e proteger a sua existência. Não se oponha também à legitimidade da propriedade privada o facto de Deus conceder

a terra a todo o género humano para dela usufruir. Deus de facto concedeu a terra ao género humano, não para a dominar confusamente, mas no sentido de que não entregou nenhuma parte a qualquer homem em particular, e de que foi deixado ao esforço humano e às instituições dos povos estabelecer os limites da propriedade privada.” (Leão XIII, *Rerum Novarum*, 6)

L2 - Senhor, vimos agradecer-Te todos os bens da terra que nos ofereceste. Dá a cada homem um coração generoso e bom, para que ninguém guarde exclusivamente para si aquilo que ofereceste a todos os teus filhos.

Senhor, ensina-nos a amar-Te e a servir os irmãos.

Pai Nosso

P - Oremos. Nós Te louvamos, Senhor, por nos teres aberto os olhos e o coração à realidade social que nos rodeia. Queremos, como Jesus, como o Pe. Dehon, e como tantos outros homens e mulheres da história, conhecer melhor o mundo que nos rodeia, servi-lo melhor para, assim, amar-Te mais. Isto Te pedimos, ó Pai, por intercessão do teu Filho, que contigo vive e reina na unidade do Espírito santo.

Assembleia – *Ámen.*

Despedida, bênção e canto final